

Durante todos aqueles meses, “eu” parecia uma coisa muito vaga, algo que eu não conseguia focalizar ou reter e, no entanto, experimentava a mim mesma como me estendendo em todas as direções, para trás em direção ao “antes do tempo” e para frente em direção ao “tempo eterno”, para dentro em direção a todas as possibilidades e para fora em direção a toda existência.

Na época eu fazia piadas, dizendo que havia perdido meu aspecto partícula, e meu marido explicou-me que eu estava vivendo uma identificação projetiva com o bebê. Freud a chamaria de “sentimento oceânico”. Seja lá o que for, era ao mesmo tempo inquietante e regozijante e, através dela, perdi meu eterno pavor da morte. Foi também a fonte de inspiração para este livro, como eu disse antes.

Mas o que têm a gravidez e a maternidade a ver com morte e imortalidade, ou com a física quântica? Uma intuição profundamente sentida levou-me a incluir um capítulo sobre a “Vida Após a Morte” nas primeiras sinopses do livro, mas, algum tempo depois, como os primeiros capítulos se avolumavam, e as fichas para este permaneciam vazias, o plano começou a tomar o aspecto de algo embaraçoso.

Nada em minha prévia maneira de pensar sobre a imortalidade, nem qualquer coisa clara que surgisse da obra de outros, parecia originar-se na discussão sobre a física da consciência. Na verdade, toda conversa sobre uma consciência originando-se de um processo quântico no interior do cérebro parecia excluir a possibilidade de uma continuação da consciência sem um cérebro. E, no entanto, à medida que os contornos do ser quântico, sua identidade e relacionamentos começaram a surgir dos últimos dois capítulos, toda uma nova maneira de pensar sobre a sobrevivência daquele ser também começou a surgir.

No nível subatômico das partículas elementares não há morte no sentido de uma perda definitiva. O vácuo quântico, que é a realidade subjacente a tudo o que é, existe eterna-

mente.* Falando poeticamente, poderíamos descrever o vácuo como o “poço do ser”. No interior desse poço, todas as propriedades se mantêm: massa/energia, carga, spin etc. Nada jamais se perde.

Partículas individuais surgem do vácuo, existem por um breve período até colidirem com outras partículas e então tornam-se algo novo ou voltam para a fonte de onde vieram. Mas sua breve passagem não é em vão. Se duas partículas elementares se encontram e se unem, ambas deixam de existir como partícula individual, mas a nova partícula que elas se tornam terá a soma de suas massas. Se um nêutron “morre”, sua massa, carga e spin são conservados no elétron, próton e antineutrino resultantes. Todo acontecimento quântico ocorrido deixa traços, “pegadas nas areias do tempo”.

De forma semelhante, mas em escala maior, sempre que a continuidade de um padrão ou de um todo — um grupo, instituição, nação — é objeto de nossas preocupações, a transitoriedade dos componentes individuais daquele todo passa despercebida ou, ao menos, torna-se algo irrelevante.

As células individuais do meu corpo estão morrendo aos milhares todos os dias, mas são substituídas por outras, e meu corpo continua funcionando exatamente como antes. As várias crianças que hoje estão na classe de meu filho na escola vão crescer e mudarão de classe, mas a escola continuará a ter um jardim-de-infância, assim como haverá novamente narcisos no jardim na primavera do ano que vem, quando os deste ano tiverem voltado para a terra de onde surgiram. Numa escala ainda maior, sempre haverá uma Inglaterra, mesmo que sua população mude completamente e suas cidades sejam destruídas e reconstruídas; se não uma Inglaterra, ao menos nações, se não nações, ao menos um planeta, se não este planeta, então ao menos outros corpos

* Ou pelo menos desde o Big-Bang e até o colapso final, se é que haverá algum; e as leis da física não exigem que o vácuo cesse mesmo que o Universo chegue realmente a precipitar-se num buraco negro.